

Horizonte Inspirador

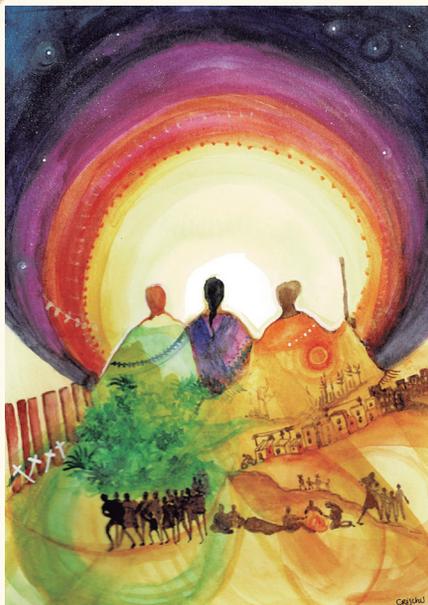


Mulheres da Aurora

A ousada esperança no despontar da aurora

**Confederação Latino-americana e Caribenha
de Religiosas e Religiosos
2022-2025**

Descrição do Ícone



“E bem cedo, no primeiro dia da semana, ao raiar do sol, chegaram ao túmulo” (Mc 16,2).

No meio da escuridão, as mulheres se puseram a caminhar...

Porque ainda não amanheceu para nossos povos: deslocamento de populações e movimentos migratórios, pobreza que deixa tantas famílias sem abrigo e sem trabalho, exploração da terra (desmatamento, incêndios, fragmentação, contaminação do solo e das águas), violência que mata sobretudo mulheres e crianças, tráfico de pessoas, drogas e armas... sombras da noite e da morte que continuam à espreita. Contudo, a cada alvorecer e em cada uma das nossas aldeias, mulheres e homens se põem a caminhar e ficam à porta de cada túmulo para testemunhar a vida, a luz e a Ressurreição.

Apresentação

A Igreja não é uma realidade imóvel e acabada. Ela é um projeto que, no sopro do Espírito e na abertura aos sinais dos tempos e lugares, vai se transformando para tornar-se mais credível e coerente, mais significativa e evangélica. Neste contexto, o valor profético da Vida Religiosa consiste em despertar o mundo a partir da lógica feminina representada nas Mulheres da Aurora.

Por trás do desejo e do imperativo de uma maior presença e participação das mulheres consagradas na Igreja, não existe uma ambição de poder ou um sentimento de inferioridade, nem uma procura egocêntrica de reconhecimento; existe um clamor para viver em fidelidade ao plano de Deus, que quer que no povo com quem Ele fez um pacto, todos sejam reconhecidos como irmãos e irmãs. Trata-se dum direito à participação e igual corresponsabilidade no discernimento e na tomada de decisões; fundamentalmente, é um desejo de viver de forma consciente e coerente com a dignidade comum dada a todas e todos pelo batismo.

O potencial feminino tem uma extraordinária riqueza implícita, a capacidade de trabalhar em cooperação e a partir da experiência de sentir-pensar; a flexibilidade para procurar alternativas onde abunda o caos, a empatia e as capacidades de comunicação para gerar relações e laços na vida cotidiana; a disposição de colaborar de forma solidária, de tecer redes e gerar sinergias; a abertura para procurar respostas e novos canais de solução; a resiliência para resistir no meio de situações difíceis, a alegria para promover a celebração e prolongar a celebração. Como mulheres e homens consagrados, somos chamados nesta hora sinodal a despertar para o desdobramento de dons e possibilidades que surgem quando a noite é quebrada, quando as pedras que aprisionam a vida são removidas, quando o Espírito é

autorizado a habitar, a espalhar a paz, e a vestir-se com força e esperança, de tal forma que se possa contribuir para a tão necessária reforma da Igreja.

As Mulheres do Amanhecer, aquelas da mais radical ousadia, aquelas que sustentam a esperança agarradas à promessa, aquelas que caminham pela noite e em estado de missão abrem brechas para o Espírito, para que ele possa entrar e fertilizar tudo.

A Vida Religiosa do continente está entrando num novo triênio, acolhendo como ícone inspirador de sua caminhada as Mulheres da Aurora. Nos dias de hoje, mais do que nunca, estamos convencidos de que a verdadeira reforma vem do encontro com Jesus, no eco de sua Palavra, no aprendizado de suas atitudes e critérios, na assimilação de seu estilo. Isto o sabem muito bem as Mulheres da Aurora, essas que souberam transformar sua própria existência no encontro com Jesus, essas que, movidas pelo amor, partiram pelas estradas e caminhos.

Que a contemplação das Mulheres da Aurora abra espaço para o Espírito e encoraje a Vida Religiosa do Continente a dar vida. Que este Horizonte Inspirador nos coloque no lugar da esperança ousada.

Contexto:

Ver – Escutar

REALIDADE SÓCIOPOLÍTICA

Nos últimos anos, a pandemia de Covid 19 na América Latina e no Caribe criou uma situação sem precedentes. As condições de vida dos latino-americanos e caribenhos pioraram, causando a morte de centenas de milhares de pessoas e aumentando a desigualdade e a falta de crescimento econômico em países que, por um lado, estão conscientes dos muitos males que os afligem e, por outro, não têm os meios materiais, culturais e políticos para superá-los. Nesta luta contra o Covid-19, a solidariedade nem sempre brilhou, com algumas vacinas acumuladas e deixando muitas outras pessoas à mercê da devastação.

Países que haviam progredido em várias áreas nas últimas décadas voltaram à pobreza extrema, permanecendo em condições vulneráveis. Agora muitas pessoas já perderam seus empregos e voltaram à miséria. As classes médias também viram suas esperanças de prosperidade diminuir. Para todas/os no Continente, a perspectiva não é encorajadora. A guerra na Ucrânia aumentou a inflação. Os salários valem menos. Os rendimentos não são suficientes. A fome está crescendo.

Desde 2019, as ondas de agitação sócio-política têm aumentado em vários países por diferentes razões. As exigências contra a desigualdade têm sido o denominador comum. Reclamações estão sendo levantadas em toda parte contra a concentração do poder econômico e político. A democracia é ameaçada pelos poderosos e às vezes pelos próprios políticos. Em alguns países, a imprensa é censurada. Em outros, ou nos mesmos países, a independência dos tribunais está sendo ofuscada.

A fragilidade do planeta foi exposta. A consciência da gravidade desta situação é inigualável na história da humanidade. Nunca antes o mundo inteiro teve diante de seus olhos a possibilidade da extinção da espécie humana e de numerosas outras espécies, algumas das quais de fato já deixaram de existir. A mudança climática está causando secas e enchentes devastadoras em diversos lugares. A Amazônia está em perigo. Aqui, grupos étnicos que sempre viveram em harmonia com a natureza são vítimas do desmatamento causado pela ganância de pessoas sem escrúpulos.

A violência assola a região. Dos assassinatos mundiais, 34% são cometidos na América Latina e no Caribe, um continente onde vive 9% da população mundial. Esta violência está intimamente ligada ao narcotráfico. Homens, mulheres, jovens e crianças são vítimas do uso de drogas. Em muitos de nossos bairros predominam os traficantes de drogas, com muitos saques e brigas, tiroteios à noite e crimes. Há também violência nas famílias, abuso policial, feminicídios, exclusão e maus-tratos às pessoas LGBTQIA+.

Mas “quem disse que tudo está perdido...?” Neste mesmo contexto sombrio há sinais do Reino nos quais reconhecemos o poder do Espírito do Cristo Ressuscitado, que faz triunfar do fracasso, da injustiça, da morte e do desespero. Quais são estes sinais?

São os migrantes e refugiados que finalmente conseguiram atravessar a fronteira e encontrar trabalho em algum país estrangeiro e uma escola onde educar seus filhos. As

crianças crescem e fazem novos amigos. Irmanam países e transformam a configuração da sociedade. É um sinal muito claro do Reino o pessoal de saúde, enfermeiros, auxiliares de enfermagem, médicos que choram em silêncio a morte de seus colegas, mas continuam ao pé das camas dos doentes de Covid-19 e tantas outras enfermidades. Outra estrela no firmamento são os defensores da Casa Comum. Eles são os novos mártires, mortos indefesos por defenderem o planeta e suas primeiras vítimas, os mais pobres. Três quartos dos ambientalistas mortos no mundo são latino-americanos. Eles morrem, mas iluminam.

A consciência da dignidade da mulher está crescendo na América Latina e no Caribe. As mulheres estão exigindo paridade e a estão alcançando em muitos espaços. A conscientização sobre a riqueza cultural e espiritual dos povos indígenas está ganhando terreno. Eles estão recuperando suas terras e seus idiomas. Eles estão rompendo com a suposta homogeneidade dos países que se consideram brancos. Há também políticos que conseguem se libertar do lobby, estudar a realidade do continente e forjar políticas públicas que promovem o desenvolvimento integral de seus países; e partidos que realmente acreditam na democracia e a defendem a todo custo.

Na América Latina e no Caribe há muitas pessoas que “entregam seu coração”. A vida religiosa tem numerosos motivos para proclamar as bem-aventuranças de Jesus e para desdobrar corajosamente os processos transformadores que antecipam o Reino.

REALIDADE ECLESIAL

Novas mudanças na Igreja e na sociedade: Assim como a pobreza foi o grande sinal dos tempos durante o período pós-conciliar latino-americano, hoje podemos dizer que o é a desigualdade. Este fenômeno afeta as condições de vida do ponto de vista econômico, passando por relações

de exclusão – seja por gênero, raça ou cultura – e gerando violência. Muitas pessoas são forçadas a migrar por causa da guerra, situações de vida precária ou ameaças de grupos poderosos, sejam eles do tráfico de drogas ou de ideologias políticas. A pandemia revelou o estado de vulnerabilidade e impotência de centenas de milhões de pessoas em nosso planeta que não têm nenhuma chance de terem uma chance. São os novos pobres.

Nestes tempos, a Igreja tem o desafio pastoral de acompanhar tanta fragilidade humana e de apoiar processos de reconstrução do tecido sociocultural. Ao examinarmos os sinais dos tempos, nos perguntamos como estamos hoje realizando nossa caminhada juntos em meio a tantos povos e culturas. Duas imagens da Igreja podem nos ajudar. De um lado, uma Igreja ao alcance dos missionários (EG 20) encontrando os excluídos (EG 24), com portas abertas (EG 46) e capaz de transformar “costumes, estilos, horários, linguagem e toda estrutura eclesial” (EG 27). E de outro lado, uma Igreja samaritana que se detém livremente e sem preconceitos moralizadores para se deixar evangelizar.

Esgotamento do modelo institucional: Entramos no século XXI com processos de desinstitucionalização, deseclesiatização e fragmentação. A Igreja ainda não superou o modelo pré-conciliar de uma sociedade perfeita. Existe um esgotamento do atual modelo institucional, que se enraíza numa cultura clerical que se reflete em ritualismo, funcionalismo e centralismo da organização, e que se traduz em formas de exercício da autoridade que provocam abusos de poder, econômicos, de consciência e sexuais. Há aqueles que procuram preservar ou apenas renovar estruturas ultrapassadas, e outros que pedem a criação de novas estruturas. Tudo isso nos desafia e exige mudanças no comportamento eclesial, para o qual é fundamental um processo de conversão capaz de rever atitudes pessoais, modos relacionais e o modelo institucional subjacente ao nosso modo de ser Igreja.

Tempo de conversão e reformas: A fase atual da recepção conciliar à luz da eclesiologia do Povo de Deus nos chama a viver a conversão eclesial num “estado permanente de reforma” (EG 26; UR 4.6). O magistério latino-americano fala de uma conversão pastoral (SD 30), que afeta tudo e todos em relação aos estilos de vida (prática pessoal e comunitária), exercícios de autoridade e poder (relações de igualdade e autoridade), e modelos eclesiais (estruturas e dinamismos). Tudo isso pressupõe que iniciemos processos de “reformas espirituais, pastorais e institucionais” (DA 367), as quais nos obrigam a abandonar estruturas que não favorecem mais a transmissão da fé e a criar outras novas que respondam aos sinais atuais dos tempos.

Uma Igreja sinodal: Esta nova época eclesial se caracteriza por um processo de reforma, reconfiguração e ressignificação de toda a vida eclesial à luz da sinodalidade, vendo nela uma dimensão constitutiva que expressa o modo de viver e de trabalhar/operar da Igreja Povo de Deus. Este não é um princípio abstrato. A sinodalidade nos convida a imaginar um novo modelo institucional. Francisco sustenta que este é “o caminho que Deus espera da Igreja no terceiro milênio”. Suas palavras para a Diocese de Roma (18/09/2021) recordaram que “falamos duma Igreja sinodal, evitando assim que a consideremos como um título entre outros ou uma forma de pensar sobre ela prevendo alternativas”. Nossa Igreja Continental experimentou processos sinodais esperançosos, mas incipientes, como o Sínodo da Amazônia, a Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe e, atualmente, o Sínodo sobre a Sinodalidade. Em todos estes processos, a Vida Religiosa, e diretamente a CLAR, tem desempenhado um papel essencial de primeira ordem. Há uma crescente consciência de querer se tornar uma Igreja sinodal, na qual as mudanças acontecem através do envolvimento de todos, mas especialmente ouvindo a voz das mulheres e dos pobres, cujas palavras são excluídas, rompendo com o chamado para caminhar juntos.

Nos dias atuais dois processos de transformação eclesial estão em jogo à luz dum modelo de Igreja como Povo de Deus a caminho, que seja participativo e corresponsável, que revise o exercício do poder e da autoridade, e que aprofunde a prática do *'sensus fidei fidelium'*. Um modelo eclesial capaz de criar novas formas de proceder baseadas na escuta, no diálogo, no discernimento em comum, na tomada de conselhos e na elaboração de decisões em conjunto. Este é o grande desafio para a Igreja no terceiro milênio: construir um novo modelo institucional.

REALIDADE DA VIDA RELIGIOSA

A Vida Religiosa viveu uma travessia decisiva em sua história. Está cruzando o limiar dum tênue fio que se entrelaça entre o Velho e o Novo; está sendo gestado e geme na dor dum parto complicado que dificulta aventurar-se numa nova perspectiva, enfrentando assim um horizonte distante e nublado. Parece que o novo modo de ser e de estar que precisa engendrar é maior do que sua capacidade de gerar novidades, com o rosto despojado de certezas e das seguranças que paralisam para vislumbrar novas perspectivas.

A Vida Religiosa precisa aventurar-se com audácia em busca da gestação do novo, aprender em profundidade a dar passos mais livres e mais autênticos. O contexto chama a Vida Religiosa a empreender um caminho sem precedentes, sendo conduzida pela Sabedoria Divina, que abre possibilidades de dar à luz um modelo de Vida Religiosa mais missionário e menos institucionalizado, que emerge à margem de nosso entendimento. O horizonte é como as brasas, que têm a presença do fogo aparentemente extinto, e que precisam do Sopro do Espírito para reavivá-lo e assim acender a vida que tanto precisamos e na qual acreditamos.

Iniciemos a caminhada do triênio na perspectiva da ressurreição. Ousemos, como as Mulheres da Aurora, caminhar pela noite, caminhar com esperança, e confiantemente de mãos dadas com nosso Deus.

Deixar-se afetar “sinodalmente”

A vida religiosa que peregrina hoje na América Latina e no Caribe vê com profunda preocupação a deterioração da democracia, do tecido social e da crescente instabilidade política em vários de nossos países, nos quais as liberdades estão sendo corroídas. É inaceitável que a ameaça à democracia, as mudanças climáticas e a falta de acesso equitativo às oportunidades econômicas, sociais e políticas continuem afetando de forma desproporcional e severa a vida das pessoas mais vulneráveis e sistematicamente excluídas em cada um de nossos países.

As mulheres e homens consagrados em missão, movidos por uma mística profético-sapiencial e institucionalmente articuladas/os, procuram responder aos desafios de cada tempo, tecendo relações humanizadoras e interculturais, escutando o grito dos pobres e da terra e acolhendo o poder da Ressurreição.

Como vida religiosa latino-americana e caribenha, na aurora de uma Igreja sinodal, nos preparamos, como as Mulheres da Aurora, para visibilizar a memória viva do Ressuscitado e nos deixarmos afetar por seu brilho através:

- **Da arte de escutar:** Para aprender a ouvir-nos uns aos outros como Igreja, como comunidade, como famílias carismáticas, na diversidade de ministérios e carismas, a buscar juntos a vontade de Deus e a ouvir os convites do Espírito.
- **Do olhar contemplativo sobre a realidade:** Para criar novos espaços em que nos comprometamos no serviço das populações, e para, inspiradas/os pela Divina Ruah e a partir das profundezas da vida, recriar a centralidade de nosso seguimento de Jesus e um renovado compromisso místico-profético-comunitário com os mais empobrecidos e excluídos.
- **Do discernimento:** Para acolher a nova proposta de vida que Deus nos faz de forma pessoal e comunitária, na urgência de desaprender as formas anti-evangélicas de ser Igreja e intuir os sinais de sua presença viva, na

- “aurora de cada amanhecer” desta hora histórica.
- **Da itinerância existencial e geográfica:** Para lançar-nos pelos caminhos da intempérie e dispor-nos a “envolver-nos no mistério da vida” com o colorido de nossas flores, que germinam nas parcelas marginais do Continente. Para mobilizar-nos nas fronteiras onde o compromisso frutífero da Vida Religiosa é urgentemente necessário.
 - **Da saída missionária na intercongregacionalidade e interculturalidade:** Para tecer novas redes com os fios da comunhão e da diversidade que nos permitam atravessar a noite e partir por outros caminhos de volta, à plena luz do dia, para nossa “Galileia original”.

Por todas estas razões, neste triênio, pretendemos:

**Vigiar pelo amanhecer de uma Igreja sinodal,
testemunhando o despontar
desta nova hora da salvação.**

Marco Bíblico:

Julgar – Discernir – Sentir – Pensar

Ícone Bíblico
As Mulheres da Aurora
Mt 28, 1-10

Pinceladas hermenêuticas

Depois do sábado, ao raiar o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro. De repente, houve um grande terremoto: o anjo do Senhor desceu do céu e, aproximando-se, removeu a pedra e sentou-se nela. Sua aparência era como um relâmpago, e suas vestes, brancas como a neve. Os guardas ficaram com tanto medo do anjo que tremeram e ficaram como mortos. Então o anjo falou às mulheres: “Vós não precisais ter medo! Sei que procurais Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui! Ressuscitou, como havia dito! Vinde ver o lugar em que ele estava. Ide depressa contar aos discípulos: ‘Ele ressuscitou dos mortos e vai à vossa frente para a Galileia. Lá o vereis’. É o que tenho a vos dizer”. E saindo às pressas do túmulo, com sentimentos de temor e de grande alegria, correram para dar a notícia aos discípulos. Nisso, o próprio Jesus veio-lhes ao encontro e disse: “Alegrai-vos!” Elas se aproximaram e abraçaram seus pés, em adoração. Jesus lhes disse: “Não tendes medo; ide anunciar a meus irmãos que vão para a Galileia. Lá me verão”.

No brilho do Sol Nascente

O episódio narrado em Mt 28,1-10 se desdobra em três fases ou momentos. Inicialmente, são apresentadas as mulheres, as principais personagens da história. Depois é narrado o episódio com o anjo e os soldados no túmulo. E finalmente o encontro delas com o Cristo Ressuscitado. Isto sugere que esta não é a história do “túmulo vazio”, como é comumente chamada, mas a história da transformação destas mulheres como resultado de sua experiência com o Ressuscitado.

O episódio é narrado a partir da perspectiva feminina: elas são a personagem principal (embora a personagem central seja, sem dúvida, o Ressuscitado). O evangelista está interessado nas ações das mulheres, e é por isso que as contrasta com os soldados. Elas agem independentemente dos homens, obedecem à voz celestial que lhes ordena a irem e anunciarem a mensagem da Ressurreição aos discípulos e, finalmente, são elas as destinatárias da primeira aparição do Ressuscitado. Tudo isso confirma que as mulheres são as protagonistas do episódio.

Embora Mateus se refira a elas de forma muito breve, ele deixa sinais que revelam a parresia dessas duas mulheres. Elas estiveram perto de Jesus desde a crucificação, junto com muitos outros “que tinham seguido Jesus da Galileia para servi-lo” – *diakonousai* – (27, 55) e tinham permanecido em silêncio no túmulo depois que os homens tinham honrado o corpo do Senhor (27, 61). Agora, assim que podem, retornam ao túmulo onde está o tesouro de suas vidas e, portanto, seu coração (Mt 6,21).

Não parece que elas vão ungir o corpo de Jesus, pois este trabalho já havia sido feito pelos homens. Elas talvez vão chorar por sua dor e, desta forma, mostrar seu amor pelo Senhor. Como o amor voa, elas são levadas pela pressa no meio da escuridão, e atravessam a noite talvez com mais confiança do que medo. Sua atitude é mais do que um aceno para a missão da Vida Religiosa em momentos de dificuldade.

O que acontece ao redor do sepulcro acentua o contraste entre os guardas e as mulheres. Eles são muitos e armados, elas são duas e externamente desprotegidas. Entretanto, os guardas não serão testemunhas do que acontecerá com o anjo; elas, pelo contrário, contemplarão e serão enviadas para levar o anúncio da Ressurreição.

Na aparição do anjo, os efeitos que a envolvem, sua aparência, suas ações e suas palavras são uma clara indicação de que Mateus não está narrando um evento “angelical”, no sentido usual do termo, mas uma intervenção portentosa de Deus na história. A aparência do anjo e suas vestes, assim como o terremoto que sua aparição provoca, corroboram que ele é uma criatura celestial e que tudo o que está acontecendo só pode ser obra de Deus. Ele rola a pedra e se senta sobre ela, como um sinal de que Deus vence a morte e as seguranças humanas. É notável que o rolar da pedra não é um ato que favorece a ressurreição de Jesus, mas ajuda as mulheres a verificarem que o túmulo está vazio.

Todas as precauções e medidas de segurança são facilmente superadas pela ação de Deus. Cheios de preocupação, os chefes dos sacerdotes e os fariseus haviam solicitado que o túmulo de Jesus fosse militarmente seguro. Que temor tinham os poderes religiosos e políticos por um homem morto; por aquele que eles mesmos haviam executado! Mas tais medos e disposições não servem para proteger a vida, mas para reprimir a esperança. O Deus da vida os desfaz sem nenhuma violência, como que para sugerir que também eles são convocados para o projeto de vida nova que o Senhor está gerando.

O que as mulheres observam é o triunfo sobre a morte: o anjo sentado sobre a enorme pedra que antes havia fechado o túmulo. A reação lógica é o medo religioso diante do incompreensível. Um medo que não as priva da experiência, embora a limite. Os guardas, por outro lado, estão aterrorizados, começam a tremer e ficam ali como se estivessem mortos. O terremoto externo é prolongado pelo

choque interno do que eles tinham visto. Eles veem o anjo, mas para eles é uma experiência de morte. Na verdade, eles não recebem o anúncio da Vida.

O anjo se dirige apenas às mulheres; até agora, ninguém havia falado, um sinal da importância do que ele lhes comunica. E a primeira palavra as convida a superarem seu medo natural do incompreensível. Sem elas precisarem lhe falar, ele sabe que foram à procura de Jesus. E elas têm razão, pois o viram morrer, viram seu corpo e sabiam que este era o lugar onde ele havia sido sepultado. Mas sua procura é infrutífera, pois Jesus já não está mais entre os mortos: ele foi ressuscitado pelo poder divino. Um sinal de tudo isso é que o túmulo está vazio; tendo a pedra sido rolada, elas mesmas podem corroborar o que o anjo lhes diz. E sugere que as mulheres não devem se surpreender com a ressurreição de Jesus, pois ele mesmo já havia anunciado isso a seus discípulos. Finalmente, ele as envia em uma missão privilegiada e difícil: reconstruir a esperança despedaçada dos discípulos com o anúncio da ressurreição de Jesus.

O espaço da morte é agora um território povoado por uma vida sem fim. Isto é o que elas experimentaram naquele lugar. É por isso que elas partiram apressadas e sem medo, embora com certo temor acompanhado de alegria, para cumprir a missão encomendada pelo anjo. O medo paralisa, está associado à morte; isto tinha acontecido fazia pouco tempo com os guardas. O temor de Deus, por outro lado, é o início da sabedoria (Sl 111, 10), que nos coloca no caminho para desfrutar dos dons do Senhor.

Os versículos finais do relato são o ponto culminante do episódio. Enquanto as mulheres estão a caminho, em alguma curva da estrada, o próprio Jesus sai ao encontro delas. Nesse momento exultante, a narrativa se concentra em Jesus Ressuscitado, o sol do novo dia. O narrador acha desnecessário descrevê-lo ou dar algum detalhe sobre sua aparência: a ressurreição era tão real que não precisava de explicação. O narrador está mais interessado em mostrar a

transformação que o acontecimento provocou na vida das pessoas, a começar pelas mulheres.

A saudação do Ressuscitado – “Alegrai-vos!” – confirma a alegria que elas estavam experimentando, e que agora transborda nelas. Como reação, as mulheres se prostram diante de Jesus e o adoram. Elas fazem o que os sábios fizeram em Belém, indicando qual deve ser a atitude lógica dos seres humanos perante o Criador.

A segunda palavra do Ressuscitado confirma o envio que o anjo lhes fez. Na verdade, elas deverão ser as porta-vozes do anúncio da ressurreição para os discípulos. Mais uma vez fica claro o alcance transformador da ressurreição: aquelas que, em sua sociedade, sua cultura e sua religião estavam destinadas a desempenhar papéis absolutamente secundários, são agora as protagonistas da nova história, “apóstolas dos apóstolos”, como com justiça foram chamadas nos tempos antigos. O novo dia da salvação deverá começar no mesmo estágio em que a história do discipulado havia começado. E serão os mesmos seguidores que se deixaram levar por seus interesses e temores, e abandonaram Jesus. Para os evangelistas eles eram um grupo de traidores, mas para o Ressuscitado eles são seus irmãos.

Duas notas finais sobre o relato. A experiência da Ressurreição leva à soro-fraternidade; o amor fraterno é o cenário da presença do Ressuscitado (cf. 1Jo 3,14). Por outro lado, é no cumprimento da missão quando as discípulas e discípulos se encontram com o Ressuscitado. Permanecer fechado nos medos ou nos próprios títulos leva à suspeita, à morte. Assumir o risco da proclamação leva a um encontro com Aquele que transforma a morte em vida e a falta de amor em fraternidade.

A watercolor illustration of a woman in a yellow dress, partially visible on the right side of the page. The background is a soft, warm orange color. The text is overlaid on the left side of the image.

Elas . . .

**Ao despertar da aurora,
memória do amor.**

1 Depois do sábado, ao raiar o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro.

“No *final do sábado*”, o fim do dia nos prepara a iniciar um novo amanhecer; o brilho do amanhecer inaugura uma nova semana. Para os judeus, a Páscoa antiga, na qual Deus libertou o povo de Israel da escravidão, havia acontecido durante a noite - a noite do Êxodo. A nova Páscoa, na qual Jesus liberta seu povo da escravidão da morte, também deveria acontecer durante a noite... e para desfrutar, na ousada esperança, o despontar da aurora.

Elas foram ver o túmulo, mesmo sabendo que o acesso ao corpo do amado Senhor era impossível, por causa da pedra que o fechava e dos guarda que guardavam o lugar onde ele tinha sido colocado.

Elas, que com muitas outras tinham seguido Jesus desde a Galileia... (Mt 27, 55), vão ao túmulo porque têm memória. Jesus havia dito que seria traído, lhe tirariam a vida, mas... ao terceiro dia ressuscitaria (cf. Mt 17, 22-23).

2 De repente, houve um grande terremoto: o anjo do Senhor desceu do céu e, aproximando-se, removeu a pedra e sentou-se nela. 3 Sua aparência era como um relâmpago, e suas vestes, brancas como a neve. 4 Os guardas ficaram com tanto medo do anjo que tremeram e ficaram como mortos.

A intervenção divina remove a pedra, aqueles que guardam o túmulo ficam paralisados pelo medo. Eles estão lá para manter a morte, mas o amor divino a vence. Elas testemunham o triunfo da vida sobre os poderes da morte.

5 Então o anjo falou às mulheres: “Vós não precisais ter medo! Sei que procurais Jesus, que foi crucificado. 6 Ele não está aqui! Ressuscitou, como havia dito! Vinde ver o lugar em que ele estava.

A **elas** também, como para Maria, o anjo, o mensageiro, lhes diz que não têm nada a temer. O crucificado ressuscitou como

tinha dito, e lhes confirma o anunciado, ratifica sua memória: *“Ressuscitou como havida dito... venham e vejam”...*

7 Ide depressa contar aos discípulos: ‘Ele ressuscitou dos mortos e vai à vossa frente para a Galileia. Lá o vereis’. É o que tenho a vos dizer”.

Elas, discípulas, que o seguiram desde a Galileia até Jerusalém, naquela hora, já ao amanhecer, na aurora do primeiro dia da semana, recebem o envio para anunciar a Boa Nova da Ressurreição. E como no auge da anunciação a Maria, elas também.

8 E saindo às pressas do túmulo, com sentimentos de temor e de grande alegria, correram para dar a notícia aos discípulos. 9 Nisso, o próprio Jesus veio-lhes ao encontro e disse: “Alegrai-vos!” Elas se aproximaram e abraçaram seus pés, em adoração. 10 Jesus lhes disse: “Não tendes medo; ide anunciar a meus irmãos que vão para a Galileia. Lá me verão”.

Jesus aparece às mulheres e a reação que tiveram foi diferente da experimentada diante do anjo. A diferença nos diz algo sobre como os primeiros cristãos vieram a conhecer Jesus ressuscitado: a fé na Ressurreição de Jesus será uma consequência da experiência direta da presença de Jesus como o Senhor ressuscitado.

Elas, constantes e perseverantes, recebem consolo, um ensinamento e uma missão.

Elas, as Mulheres da Aurora, fortes, retas, memoriosas e sábias, são enviadas como apóstolas da Boa Nova da Ressurreição.

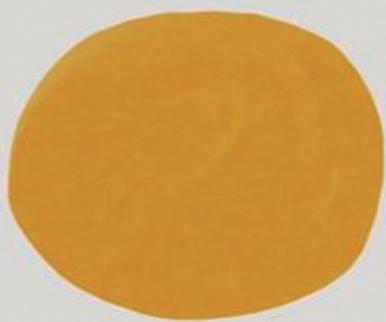
Elas são as primeiras a receber a saudação da nova vida: «Não tenham medo».

Elas e toda a comunidade de discípulas e discípulos daquela época e de todos os tempos receberão o dom do Espírito, do Divino, da Ruah Divina, que renova tudo quanto existe.

Elas, eles, darão testemunho de que a Ressurreição de Jesus recupera a vida em todas as suas formas para sempre.



Movimentos da Aurora



10 Movimento

Rumo à vida na esperança.

No caminho para a plenitude da vida. Este primeiro movimento para o qual a Divina Ruah nos empurra é o despertar para a vida a partir duma esperança profunda e inquietante. Aproximar-nos das Mulheres da Aurora é mergulhar em profunda contemplação e num desafiante itinerário espiritual em direção à vida. Elas, apesar de tudo e contra todas as probabilidades, são capazes de navegar pela noite até encontrar a luz cintilante da aurora.

Sua memória é um movimento em direção à vida, pois apesar do impacto do sofrimento e da cruz, as Mulheres da Aurora nos mostram uma esperança resiliente capaz de não fugir, mas de ficar e atravessar a noite juntas sem ficar paralisadas pelo medo. A profunda desolação, orfandade e dor não podem apagar delas o chamado para estarem perto de Jesus; junto com Ele, toda a vida delas ficou preenchida de histórias, sentido, sonhos e amores; porque, mesmo diante da morte, o Espírito lhes sussurra em suas profundezas que, no limiar da dor, se pode deixar espaço para que se geste uma nova vida. As mulheres são sustentadas por uma esperança que reconhece que o amor até a cruz não é um sofrimento infrutífero e que, por trás dessa dor, pode haver uma transição para a vida e para a plenitude.

Sua memória é um movimento em direção à vida, porque as Mulheres da Aurora são capazes de dialogar com o mistério da dor, da cruz e do túmulo, agarrando-se apenas à esperança do encontro. Nesses buracos e vazios da caminhada humana, elas reconhecem o preço que deve ser pago porque se ama. Recusando a resignação, elas mergulham suas vidas num diálogo profundo para que, em meio à ambiguidade, fraqueza e impotência desconcertante do túmulo vazio, possam ser encontradas pelo Crucificado que está Vivo. Desta forma, em meio à perplexidade e lágrimas, o encontro com o Ressuscitado é uma explosão de vida que se converte numa forma de acessar o mistério de Deus, de descobrir a verdade da vida, reafirmar seu compromisso de servir e amar, e olhar o futuro com nova esperança. Ali, no despertar da aurora, elas são consoladas pelo Ressuscitado que lhes fala, as

desafia, encoraja e lhes comunica paz e alegria. Desta forma, reconstruindo seu coração ferido, ele as enraíza na Nova Vida que renasce na Páscoa; uma identidade e uma pertença que nada e ninguém pode tirar delas.

Sua memória é um movimento em direção à vida, porque as Mulheres da Aurora, desde a alegria e da novidade da Páscoa, são empurradas pela Divina Ruah para serem testemunhas de esperança no coração da comunidade. Desta forma, colocando toda a sua confiança em Deus, elas são capazes de sair apressadas e anunciar com profunda alegria a notícia para a qual foram enviadas pelo Ressuscitado. Além de suas forças e da sua credibilidade sócio eclesial, o Espírito lhes dá a autoridade inegável de serem as primeiras testemunhas da Ressurreição, convertendo-se assim nas “apóstolas dos apóstolos”. Assim, movidas por uma esperança ousada, se tornam testemunhas e profetizas da restauração, da consolação e da restituição, dando origem a novas possibilidades para que a vida floresça. Em resumo, mulheres que, emergindo de dentro de si mesmas, dedicam toda sua energia criativa fazendo-se oferta e *kénosis*.

Aproximemo-nos com respeito e reverência desta fonte de esperança, que como manancial de água viva flui através das entranhas, do coração e da alma das Mulheres da Aurora. Elas são as da mais radical ousadia, as que sustentam a esperança, agarradas à promessa, as que caminham rompendo a noite e, em estado de missão, abrem buracos para que o Espírito possa entrar e tornar tudo fecundado.

É hora de abraçar o poder da Ressurreição e *“caminhar pela noite, caminhar com esperança e confiança de mãos dadas com nosso Deus”*:

- da centralidade em Jesus que dá plenitude à existência;
- viver com sentido, radicalismo e renovado entusiasmo nossa vocação;
- abraçando o futuro com esperança em tempos de pós-pandemia.

2º Movimento

**Rumo ao essencial
do seguimento
de Jesus
e à centralidade
das relações
humanas.**

O caminho é nosso, e esse caminho temos que percorrer juntas/os. Esta é talvez a mais profunda e simples implicação espiritual da reflexão sinodal na Igreja. Hoje reconhecemos com maior certeza que no Povo de Deus existe apenas uma vocação: Siga-me! E que todo o restante são formas de vida e papéis ministeriais que concretizam as muitas formas pessoais e culturais de resposta humana a este chamado de Deus, no compromisso com a única missão da experiência cristã: o reinado de Deus. Caminhar juntas/os nos lembra de nossa essência relacional e constitui um eixo transversal dos diálogos mais urgentes da humanidade, e nela, da religião trans-moderna: solidariedade, colaboração, ecologia integral, itinerância, diálogos-encontros generativos, assim como todas as inter-relações.

“Seguir Jesus” é uma expressão metafórica à qual o Evangelho de Marcos dá um duplo propósito ao explicar a vocação da Igreja primitiva: “para estarem com ele”, proximidade místico-relacional, e “para enviá-los a proclamar”, compromisso profético-missionário (Mc 3, 14). Os Evangelhos também insistem na metáfora do “caminho comum” como exigência para o seguimento de Jesus (Mc 1,2; 8,29). Os textos expressam sumariamente o envolvimento de toda a vida pessoal, relacional e funcional no exercício do discipulado. Este discipulado tem que ser expresso de forma mística, profética, comunitária e missionária, para que possa ser uma experiência de desenvolvimento integral capaz de humanizar a pessoa. A humanização da pessoa consagrada, como a de todo batizado, acontece no seguimento de Jesus em comunidade; este é seu horizonte e seu espaço vital.

O discipulado nasce duma experiência humana abrangente e totalizante e não simplesmente dum exercício intelectual ou duma escolha moral. “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à própria vida e, portanto, uma orientação decisiva” (DC 1). O encontro com a pessoa de Jesus conduz o discípulo para fora da massa de espectadores curiosos (a multidão) e

concretiza seu seguimento no compromisso radical com a causa de Jesus. Esta opção leva a/o discípulo/a ao auge da experiência de Jesus e faz dela/dele uma/um apóstola/o. O compromisso com o Reino e a evangelização devem ser entendidos hoje como a encarnação dos valores do Reino em todas as culturas e não como um apostolado colonialista comprometido exclusivamente com o proselitismo religioso.

As cartas constitucionais de todos os Institutos admitem o óbvio, o essencial: nos reunimos para seguir Jesus com toda a radicalidade e universalidade que o seguimento tem no compromisso dos carismas com o Reino. Para nós, a experiência de Cristo não é algo reservado exclusivamente às minorias heroicas, nem tampouco ligamos a fé em Jesus a um altruísmo ético, idealista e impraticável para a maioria dos seres humanos. Para nós, o Evangelho é uma utopia que pode ser realizada na história, passo a passo, na experiência de comunidades – com portas abertas – de fé e de vida, que se realizam em relações significativas capazes de visibilizar historicamente a experiência mística, profética e comunitária para a qual a pessoa de Jesus sempre nos convida.

As relações nestas comunidades são baseadas na equidade e na justiça. Neste sentido, as comunidades locais são comunidades humanizadas no seguimento de Jesus em relacionamentos que são continuamente curados, recriados e enriquecidos. Esta experiência faz das comunidades referências vivas dos carismas que concretizam a realidade do Reino e que exercem naturalmente a atração vocacional através da força contagiante do testemunho. Este testemunho também é capaz de resgatar a credibilidade perdida e de reavivar a esperança das/dos desesperançadas/os da terra a quem nos devemos por vocação.

Da eclesialidade e do caráter reformador de todos os carismas, hoje nos sentimos comprometidos com uma Igreja que, guiada por Francisco, procura superar seu medo interno à radicalidade do Evangelho do Reino. O seguimento de Jesus, em comunidades que mergulham resolutamente em novas e

vitais relações em todas as direções, exige um compromisso com a ecologia integral, com a sustentabilidade da vida e a escuta permanente da vida que clama e chama a todos quantos se decidiram a cuidar dela.

Se a Vida Religiosa em todas as suas estruturas humanas, econômicas e funcionais não conduz todos à pessoa de Jesus e a sua paixão pelo Reino, esta Vida Religiosa estaria morta em si mesma, em sua identidade e em sua missão.

O momento decisivo que o cristianismo, e dentro dele a Vida Religiosa de hoje, necessita é uma conversão radical e decisiva que se evidencie simplesmente pelo retorno à experiência totalizadora do discipulado de Jesus para encarnar em nossas vidas os valores revelados em sua pessoa e relacionamentos históricos. Estes valores encarnados nos ajudarão a humanizar nossa vida e nossos relacionamentos para ser um ponto de referência permanente de que já é hora, que o Reino de Deus chegou para sempre (Mc 1, 15). A plenitude do discipulado está no fato de que, do jeito de Jesus, somos seres pró-existentes, com uma profunda liberdade para cair, como a semente, para ser uma explosão de vida a partir de dentro, para transformar a partir de baixo, para testemunhar a partir dos pequenos, para convocar a partir do silêncio, e assim dar a vida sempre e em tudo. Voltemos, pois, ao Evangelho, que é capaz de curar e de ressignificar nossa humanidade; e façamo-lo com urgência, sem pressa, mas sem hesitação, como fizeram as Mulheres da Aurora quando ousaram atravessar a noite.

É hora de abraçar o poder da Ressurreição e *“promover uma cultura vocacional e relacional que humaniza”*:

- humanizando as estruturas e processos da Vida Religiosa;
- priorizando a formação como um itinerário para ser melhores testemunhas, mais radicalmente irmãs e irmãos;
- continuando os processos de reconfiguração e ressignificação.

30 Movimento

**Rumo à dignidade
humana e à
cultura do cuidado.**



A Igreja está abalada. Em vez de serem cuidadas, nossas irmãs e irmãos foram abusados por vários líderes eclesiais. Trata-se de abusos sexuais, abusos de poder e abusos de consciência. São crimes, delitos e contravenções. Foram os próprios bispos, padres e religiosas/os que, com esses comportamentos, prejudicaram seriamente a credibilidade do ministério, da Igreja e, às vezes, até mesmo da proclamação do anúncio de Jesus Cristo.

Isto tem sido terrível quando as vítimas foram crianças e pessoas vulneráveis. Além disso, os católicos estão chocados e indignados que as autoridades eclesiais tenham encoberto os abusadores clericais. Tornou-se ultrajante para os leigos que a hierarquia da Igreja, em vez de ouvir os gritos dos fiéis ou de seus pais por justiça, tenha encoberto os culpados.

Os abusos dentro da Vida Religiosa são pouco conhecidos, talvez porque não tenham sido chamados por seu nome. As mulheres religiosas têm muito a dizer. Elas frequentemente sofrem maus-tratos, tanto em suas relações interpessoais com sacerdotes e bispos, como no campo pastoral. Mas, dentro das próprias comunidades religiosas, também ocorrem práticas impróprias.

A situação criada exige que nós, como Igreja, entremos num processo de conversão e de reforma, que deve começar com a reivindicação das vítimas. Nas palavras do Papa Francisco: “Este último período é um tempo de escuta e discernimento para chegar às raízes que permitiram que tais atrocidades acontecessem e se perpetuassem, e assim encontrar soluções para o escândalo do abuso não com meras estratégias de contenção – indispensáveis, mas insuficientes –, mas com todas as medidas necessárias para poder assumir o problema em sua complexidade” (Carta ao Povo Peregrino de Deus do Chile, nº3).

A conversão é necessária. As mudanças são necessárias em todos os níveis. Devemos começar aprendendo a ver com outros olhos o que aconteceu. As vítimas ficaram em silêncio

durante muitos anos porque pensavam que, se contassem a outras pessoas sobre os abusos que sofreram, essas pessoas não acreditariam nelas. As instituições frequentemente costumam contar com o benefício da dúvida, especialmente quando, como neste caso, elas representam a Igreja de Jesus. A experiência destes anos nos ensina que uma mudança de mentalidade foi e é necessária. Os costumes ou comportamentos que eram considerados naturais não devem continuar sendo assim.

Além da conversão, deve haver reformas, mudanças estruturais, modificações nos processos decisórios e até mesmo na formação dos seminaristas. Estudos internacionais sobre abusos mostram que o abuso está intimamente relacionado a um tipo de eclesiologia clerical. Há maneiras de ser Igreja que facilitam o crime, o abuso e o desrespeito. O Papa Francisco até insistiu em alterações no Direito Canônico que favoreçam os processos de justiça. Mas o problema é ainda maior. Parece que um modo clerical de ser Igreja precisa ser desmontado. Não pode acontecer que a classe sacerdotal não preste contas de seu desempenho perante o Povo de Deus. Frequentemente o clero é considerado um grupo separado, representando uma sacralidade mal compreendida; se auto seleciona e é formado em reclusão, separado das outras pessoas. De fato, sua mera investidura sacra tem um impacto sobre os fiéis, atenuando sua liberdade e capacidade crítica. Na Síntese Narrativa da Assembleia Eclesial para a América Latina e o Caribe, o clericalismo foi atribuído aos seminários. Seria desejável que os leigos, as mulheres, as famílias e as comunidades também participassem da seleção, formação e aceitação dos seminaristas para a ordenação sacerdotal. O Povo de Deus como um todo deveria ser capaz de decidir quais autoridades deveriam governá-los.

Antes dessas mudanças, as autoridades eclesiásticas devem fazer justiça às vítimas sem demora. Isto não pode esperar. Os canais existentes devem ser utilizados e novos devem ser criados. É essencial criar as condições para que aqueles que foram abusados saiam à luz do sol com suas exigências de

justiça. Essas pessoas precisam ser ouvidas com urgência. É preciso reparar sua honra e integridade psicoemocional, e quando apropriado, compensadas financeiramente. Sua plena reparação, sabemos, acontecerá em Cristo, mas já agora Cristo vive, cura e restaura através de seu Espírito, e o Espírito através de nós.

É hora de acolher o poder da Ressurreição e *“atender os gemidos das vítimas de todos os tipos de abusos, para reparar o máximo possível e gerar na Igreja relações e mecanismos de cuidado”*:

- promovendo a cultura do encontro, do cuidado e das boas relações;
- destacando as dinâmicas de abuso, clericalismo e verticalidade que, dentro da Igreja, tornam impossível viver o modo relacional de Jesus.

40 Movimento



**Rumo à possibilidade de ser sinal,
palavra e metáfora credível.
Caminhar rumo à interação
e ao encontro dos carismas.**

A história atual exige uma Vida Religiosa capaz de assumir riscos na travessia, de deixar de ser referência individual e institucional para ser referência do Reino pelo significado de seus gestos, palavras, opções, atitudes e expressões de comunhão. É hora de caminhar juntos em direção a águas mais profundas de pequenez evangélica, para despertar e sustentar a esperança profética a partir do pouco, do pequeno, do pobre e do insignificante. Para avançar, com Jesus, em direção ao anônimo, ao gradual, ao marginal, ao silêncio contemplativo e à espiritualidade da minoria. A história místico-profética e de comunhão da Vida Religiosa hoje é expressa a partir da vulnerabilidade, pois é nela que a vida se encarna, porque ela só existe inter-relacionada.

Viver a missão em comunhão com os leigos, em afinidade interinstitucional, promovendo e diversificando novas lideranças, ministérios e serviços, permite à Vida Religiosa do Continente desdobrar a semente da parresia que ela contém em si mesma e que lhe permite criar e manter laços fraternos e inclusivos, que irradiem comunhão, amizade social, Reino. A partir da riqueza da diversidade dos carismas, da caminhada intercongregacional e das sementes do Verbo encarnado nas diferentes culturas, a Vida Religiosa tem a oportunidade de expressar com redes missionárias e itinerantes a opção radical de servir em meio a contextos excluídos ou vulneráveis, fronteiras existenciais onde se luta e se arrisca a vida pela vida.

O diálogo aberto torna-se um lugar de encontro, vitalidade e afinidade de carismas e pessoas a serviço do Reino de Deus, porque cada carisma encarna um caminho concreto da Boa Nova e, portanto, um modo de ser plenamente humanos. O significado credível e o simbolismo da Vida Religiosa somente podem acontecer através do interrelacional, do comunitário, da generosidade coletiva, partilhada e sustentada, que transcende a geografia, as estatísticas e as economias individuais. Somente assim ela pode ser uma metáfora credível, somente assim pode suscitar o que favorece a vida ressuscitada.

Diante da evidente crise relacional no mundo e na Igreja, a resistência profética consistirá em caminhar para a interação e o encontro de carismas.

É necessário deixar fluir a criatividade, a fim de encontrar sementes alternativas e novas formas que facilitem o levantamento de âncoras do que já é conhecido, seguro e aprendido, para dispor-se à travessia da minoridade, da tentativa e do desaprender progressivo de formas ultrapassadas, esquemas obsoletos que se naturalizaram na vida cotidiana e impedem o dinamismo profético e a possibilidade de novas relações éticas grávidas do Reino. A resistência profética ao individualismo radical, ao consumismo acrítico, à idolatria da imagem/aparência e à vida dupla como conduta cotidiana não pode ser feita sozinho; requer ações corporativas intencionais, fruto de encontros, diálogos, consensos, ações conjuntas com impacto transformador na realidade, e comportamentos consequentes com as opções próprias do discipulado.

Nosso modo de ser humanos será a maior possibilidade profética para a realidade atual, a única capaz de revelar que somos pessoas em relação, íntegras, integradas e integradoras, que se esforçam para refletir a Comunhão Trinitária. A mística do inter se torna assim um lugar de revelação daquele em quem acreditamos e amamos.

É hora de abraçar a força da Ressurreição e *“servir em itinerância, intercongregacionalidade e interculturalidade, até que ocorra a transformação”*:

- realizando a missão em comunhão com os leigos e em interrelação dinâmica com outras instituições;
- aprofundando o significado e o impacto da missão da Vida Religiosa hoje no Continente: Itinerância, intercongregacionalidade e saída missionária;
- promovendo novas lideranças, ministérios e serviços.



50 Movimento
Rumo à sinodalidade.

A Ruah Divina está promovendo em nosso tempo a redescoberta da sinodalidade como um dinamismo da caminhada da Igreja-Povo de Deus na história. Como Vida Religiosa, também experimentamos este impulso interior que nos impulsiona a repensar nossas escolhas e nossas práticas.

Remar com outras/os ou caminhar juntas/os é, na realidade, um movimento que nasce na própria essência do humano e de toda a criação. Nosso Deus Criador, que é comunhão trinitária, deixou sua marca relacional em tudo e em todos (cf. LS, 239). Na Trindade tudo é relacionalidade, reciprocidade, interdependência, amor compartilhado. E nosso Deus uno e trino quis nos fazer participantes de seus relacionamentos e fazer parte dos nossos: viver e interagir conosco e entre nós. Trata-se de nos deixar conduzir e entrar resolutamente na mesma dança geradora de redes para nos unir no compromisso de responder à dor da Mãe Terra e de nossos irmãos e irmãs excluídos.

Nisto consiste o chamado sinodal: redescobrir e promover esta dinâmica e comprometer-nos a viver com radicalidade nossa consagração, dando testemunho de que o Reino já está em nós e entre nós. E tornar possível a necessária capacidade de nos harmonizar-nos, nós que somos tão diferentes, respeitando a forma, o ritmo, as diversidades e superando-nos a nós mesmas/os para participar na gestação do novo.

A sinodalidade é um espírito, um método e uma atitude: requer tempos de partilha, de espaços e disposição para a escuta, discernimentos conjuntos, de consensos que se vão construindo e desconstruindo e da tomada de decisões que nos levem à ação transformadora da realidade. É um caminho prioritário para tornar possível «um novo modo de ser Igreja» e, portanto, «um novo modo de ser Vida Religiosa», porque a sinodalidade exige uma conversão interna de nossos modos de ser e de tomar decisões, colaborando na mesma conversão dentro da Igreja como um todo.

No Documento sobre “Sinodalidade na Vida e Missão da Igreja” (CTI, 74) é explicitado como uma nova compreensão do lugar

da Vida Religiosa na Igreja expande nossas possibilidades e responsabilidades para participar deste processo: “o princípio da co-essencialidade entre os dons hierárquicos e carismáticos na Igreja baseado nos ensinamentos do Concílio Vaticano II. Isto implica a participação das comunidades de vida consagrada, dos movimentos e das novas comunidades eclesiais de vida consagrada na vida sinodal da Igreja”.

Da mesma forma, recebemos sugestões de pistas do que podemos oferecer a partir de nossa identidade como Vida Religiosa, a fim de reconhecer-nos mutuamente e articular um caminho sinodal como sinal profético de comunhão e serviço à Igreja: “os carismas dados pelo Espírito Santo para a renovação da vida e missão da Igreja podem oferecer”:

- Experiências significativas de articulação sinodal da vida de comunhão;
- Dinâmicas de discernimento comunitário postas em prática dentro delas;
- Estímulos para individualizar novos caminhos de evangelização. Em alguns casos, eles também propõem exemplos de integração entre as diversas vocações eclesiais na perspectiva da eclesiologia da comunhão.

Podemos dizer que, se assumirmos a fundo o “caminhar juntos” com os vários carismas e vocações no coração do Povo de Deus, entramos ativamente numa autêntica pericoresis eclesial, num dinamismo histórico no coração da Trindade como fermento duma humanidade solidária e reconciliada.

É hora de acolher a força da Ressurreição e para **“remar com outras/os em sinodalidade e rumo a uma nova maneira de ser Igreja”:**

- contribuindo a partir da identidade da Vida Religiosa para a reforma da Igreja;
- promovendo a formação em sinodalidade e discernimento;
- gerando dinâmicas de participação nas buscas, nos processos e na tomada de decisões na e da Igreja.

6º Movimento

**Rumo à utopia
do Reino:
um mundo de
irmãs
e irmãos**

Mística, profecia e testemunho estão intimamente interligados na trajetória de quem aceita o chamado de Deus, abrindo-se amorosamente à voz que pede à mulher e ao homem: “Sai da tua terra e vai...” (Gn 12, 1). Finalmente, ser religioso no mundo de hoje é um exercício contínuo na busca de se transformar em semeadores da soro-fraternidade universal, o único remédio capaz de curar as feridas causadas pelo egoísmo. “Nisso reside a verdadeira cura, já que o modo de nos relacionarmos com os demais é o que realmente nos cura em vez de nos adoecer numa fraternidade mística e contemplativa que sabe olhar para a grandeza sagrada dos outros, que sabe descobrir Deus em cada ser humano, que sabe tolerar o desconforto da convivência, agarrando-se ao amor de Deus, que sabe abrir o coração ao amor divino para buscar a felicidade dos demais como a busca do seu bom Pai” (EG, 92).

Um esforço constante para viver desta forma se torna um belo retrato do que significa hoje a experiência de viver a consagração em total liberdade para Deus e para os próprios irmãos. É um testemunho de amor e alegria daqueles que descobrem a beleza de viver não para si mesmos, mas para os outros, abertos para o totalmente Outro, que é Deus.

Discernimento: A Utopia do Reino nos convida a desejar e pedir o modo profético de ser e fazer das mulheres da primeira comunidade cristã. Procurar com a mesma força e destemor “onde” Jesus está e “como” permanecer com Ele.

Quando Jesus morreu, a comunidade dos discípulos entrou em uma noite profunda de perplexidade, com risco de desintegração. Maria Madalena, mulher da aurora, rompe a noite procurando Jesus, querendo recuperar aquele que os reuniu em comunidade. Maria precisa saber “onde” encontrar pelo menos o corpo de Jesus. Ela manifesta isto em seu diálogo com os anjos e com Ele mesmo (Jo 20, 13.15). Há toda uma teologia em torno do “onde” no Evangelho: “Onde você mora?” (Jo 1, 38), “Para onde você vai?” Precedido pelo “Onde está teu irmão?” (Gn 4, 9), com o qual Deus nos

convida a voltar nosso olhar para o outro. Este “onde” não se refere a um espaço geográfico, mas à união interior com Jesus presente na irmã e no irmão.

O Ressuscitado convida Maria a não retê-lo e revela para ela “onde” encontrar seu Corpo. Ele a envia desde seu novo modo de presença elevada para reconstruir os laços da comunidade: “Vá até meus irmãos e irmãs [adelphoi] e diga-lhes que vou até meu Deus que é seu Deus”. Esta é a primeira vez que ele usa a expressão “irmãos e irmãs”, enfatizando a soro-fraternidade no envio. Maria e as outras mulheres, “as Mulheres da Aurora do Cristianismo”, serão sempre e em todos os lugares testemunhas da fraternidade, emprestando sua casa à Igreja local como Ninfa (Cl 4, 15), sendo companheira de prisão de Paulo como Junia (Rm 16, 7) ou colaborando ao ponto de se colocarem em risco como Prisca, a quem a Igreja tem uma dívida de gratidão (1Cor 16, 19; At 18, 26; Rm 16, 3-5).

É hora de abraçar o poder da Ressurreição e *“nos formar para darmos sempre e em tudo testemunho da soro-fraternidade”*:

- colocando-nos na lógica da contemplação do território e na inclusão da diversidade;
- promovendo uma conversão pastoral que nos coloca na condição de irmãs/irmãos e discípulas/discípulos, em caminho com nosso povo;
- revisando estruturas e formas de assumir a missão (pessoal, comunitária, congregacional, local, continental).



7º Movimento:

**Rumo à
mudança sistêmica
e à incidência política.**

A mudança de paradigma é uma expressão que a Vida Religiosa tem usado para intensificar seu compromisso com os pobres e com a Terra - invisibilizados, sistemicamente torturados - tratando sempre de entender os sinais da história que ela nunca deixa de contemplar. Compreender esta transformação paradigmática é essencial para poder assimilar o significado e o alcance do que hoje se estabelece como um compromisso urgente de todos os carismas: a mudança sistemática e a incidência política para tornar esta mudança sustentável.

A pandemia está nos deixando um “festival de incertezas”. O momento cultural atual é estruturalmente contrário aos elementos próprios da identidade e da missão das pessoas consagradas neste Continente. A boa vontade pessoal ou congregacional não é suficiente para manter nossas opções. Hoje é urgente implementar um novo modo de ser, de pensar e de agir. Devemos imperativamente medir a magnitude da crise que a civilização humana está atravessando, a crise do modelo decadente da sociedade católica e a crise do aparato estrutural e testemunhal da Vida Religiosa. A visão sistêmica destas realidades nos ajudará a comprometer-nos com uma nova visão profética que nos tire do isolamento e gere soluções sistêmicas a curto e longo prazos. Desta forma podemos superar o medo e abraçar a mudança como um modo de vida e uma forma de nos situarmos numa história que está sempre se fazendo. Hoje precisamos empenhar-nos numa fidelidade que não seja cega, ritualista, ingênua e que saiba dar razão a sua esperança (cf. 1Pd 3,15).

O “pensamento único” dominante, inclusive em nossas comunidades, inculca a inviabilidade de qualquer mudança, especialmente a mudança sistêmica. A impossibilidade de encontrar uma alternativa, a convicção de estar “no melhor dos mundos possíveis” ou mesmo no “fim da história”, são alguns dos argumentos que são sistemicamente usados para fazer lobby em favor do status quo social e eclesial. Este movimento gera em nossa sociedade e em nossas comunidades, especialmente nos jovens, uma desesperança profunda, a perda da confiança, o desencanto, a morte dos

imaginários de vida e a destruição de todas as utopias que apontam para a mudança sistêmica como solução e que podem tornar-se um agente central da transformação social e eclesial no compromisso com a libertação dos pobres e de todos os invisibilizados da terra pela força da inclusão e da equidade em todos os níveis.

A reforma da Igreja e a ressignificação de todos os Institutos de Vida Consagrada que esta nova etapa evangelizadora e o caminho sinodal exigem é inseparável de sua contribuição à transformação social que, por sua vez, inclui a justiça social e ambiental (cf. LS). A Igreja sai de si mesma - e supera sua auto referencialidade - na medida em que se compromete com a sustentabilidade da vida, da humanidade e do planeta. Esta reforma eclesial e a ressignificação dos carismas só acontecerá a partir da conquista da equidade como fundamento relacional.

A ação sistêmica, social, política e econômica é hoje uma possibilidade de alcance ministerial e profética no trabalho que fazemos permanentemente para aproximar o Reino de Deus e para estabelecê-lo em nosso aqui e agora. Não militamos em movimentos políticos; nossa militância está sempre no movimento global em favor da vida, da dignidade e dos direitos das pessoas, especialmente daquelas que são social ou eclesialmente invisíveis. Nossa militância é evangélica e carismática e se baseia nos valores que tentamos encarnar todos os dias para influenciar a política, a sociedade e a economia, os lugares onde o presente e o futuro de todos nós são decididos. A influência política é um elemento essencial para entender a mudança sistêmica e como esta mudança se torna verdadeiramente sustentável.

A relação entre mudança sistêmica e influência política é baseada na mais profunda relação entre o local e o global, e se expressa numa megatendência histórica que vai além dos limites dos partidos políticos e religiões confessionais e do tribalismo cultural ou racial, e os abre para o horizonte de redes e tecidos sociais em defesa da vida com todos os nossos recursos humanos, econômicos e estruturais.

Os carismas congregacionais que nascem na Ruah de Deus e não pertencem a seus Fundadores ou Comunidades, mas ao Reino, estão todos imbuídos da novidade (sistêmica/ envolvente) do Espírito. Todos contêm uma força de implantação incontrolável da justiça como expressão da vinda do Reino. Se interrelacionam por seus pontos de partida e de chegada, que são o Espírito e o Reino. E se alimentam por uma leitura específica da Palavra de Deus na contínua interação entre a história e a Escritura.

A vida religiosa é parte duma corrente profética global que percorre toda a história. Hoje somos chamados a recuperar nossa origem profética mais primitiva no compromisso com os pobres e com a terra, que se expressa na profecia da proposta: a da colaboração, da superação do isolamento, do re-encantamento, de sermos sinais de novidade, a das comunidades reconciliadas e missionárias, a da disponibilidade radical para a vivência do carisma, a de tentar sempre de novo sem vacilar, seguindo os passos das Mulheres da Aurora.

É hora de acolher a força da Ressurreição e *“não permitir que ninguém fique invisibilizado na Sociedade e na Igreja”*:

- favorecendo a formação política, a participação em instâncias públicas, no trabalho de influência e transformação;
- desvendando a dimensão místico-profética da Vida Religiosa, situadas onde vivem os mais pobres, os migrantes, as vítimas de tráfico;
- acompanhando através de dinâmicas que tornam visíveis e capacitem de forma especial as mulheres, os leigos e os jovens.

8º Movimento

***Rumo ao cuidado responsável
do ambiente e dos direitos
das gerações futuras.***

Todos nós podemos colaborar como instrumentos de Deus para o cuidado da criação, cada qual desde sua própria cultura, experiência, iniciativas e capacidades (cf. LS, 14). A origem comum que nos irmana, a pertença mútua e o futuro compartilhado por todos, se torna cada vez mais uma urgência que exige da Vida Religiosa uma consciência básica que permita o desenvolvimento de novas convicções, atitudes e modos de vida, a fim de favorecer o desafio cultural, espiritual e educativo como um processo contínuo de regeneração (Cf. LS, 202).

A sociedade se tornou mais consciente e responsável pela harmonia e pelo cuidado da Casa Comum, mas o equilíbrio socioambiental ainda está longe de ser alcançado. Ainda persistem os impactos negativos no clima, nos corpos de água, nas espécies animais, nas florestas, nas culturas e na vida humana em geral. A principal causa da poluição continua sendo a falta de hábitos de consumo responsável, junto com a falta de políticas de saneamento, proteção e recuperação ambiental, tanto no setor público quanto no privado. Há um número crescente de organizações da sociedade civil e iniciativas locais, particularmente entre os jovens, a favor do cuidado da Casa Comum e na busca dum novo modo de vida, encorajados pela liderança desenvolvida pelo Papa Francisco.

Nosso futuro comum animado pelo Espírito criador nos faz caminhar como um corpo, em consciência, coerência e defesa prática do cuidado da Casa Comum. Todos os projetos a serem empreendidos nos obrigam a contemplar as necessidades de nosso meio ambiente e a nos envolver na busca do bem comum, transformando o que está próximo de nós, ouvindo os mais empobrecidos e nossa irmã Mãe Terra, a fim de recuperar as condições para uma existência digna e sustentável para todas e todos.

A realidade que nos é apresentada como um todo intimamente relacionado exige que a Vida Religiosa na América Latina e no Caribe favoreça estratégias para um diálogo entre a ecologia econômica, social, cultural e cotidiana; que inclua

a perspectiva duma ética do bem comum e da justiça entre as gerações, sendo uma presença a serviço da vida, comprometida com o cuidado da casa comum, a promoção dos direitos humanos e dos povos, a defesa da família e dos mais vulneráveis da sociedade.

Compreender-nos a partir deste diálogo e na chave duma Ecologia Integral implicará uma opção clara de austeridade, simplicidade, humildade e sustentabilidade (pobreza); o que implica uma escuta obediente comum ao Criador na convivência sinodal com todas as criaturas (obediência), e que conduza a relações transparentes e interdependentes com nossas comunidades e com os leigos (castidade). Estes três compromissos convergirão na dimensão profética de nossa consagração e no dinamismo de uma conversão ecológica que mobiliza em todos os consagrados e consagradas um “cuidado generoso e terno” (LS, 220), desencadeando processos de conversão transformadora e de impacto ativo sobre a realidade de nossos povos.

É hora de acolher o poder da Ressurreição para uma *“opção renovada pela Ecologia Integral a partir da consciência da sacralidade da criação”*:

- promovendo a conversão ecológica como uma dinâmica que privilegia a dignidade humana, cuida da sacralidade da criação e inter-relaciona tudo na busca do bem comum;
- entrelaçando e participando em redes de cuidado e defesa da vida, da terra, dos mais pobres e das culturas.

Projeção:

Agir – Deixar fluir

Aprofundamento e socialização da reflexão teológico-pastoral e interdisciplinar sobre o Ícone das Mulheres da Aurora e do lema: **A ousada esperança no despertar da aurora:**

- Contribuições da Equipe de Assessores Teólogas/os da Presidência (ETAP) e das Comissões.
- Acompanhamento e fortalecimento das Equipes de Reflexão Teológica das Conferências Nacionais.
- Animação a partir da centralidade da Palavra e da Espiritualidade Bíblica, por meio de retiros e recursos de oração, para despertar a aurora.
- Divulgação da Revista CLAR (acesso livre online) e outras Publicações.
- Animação do Portal institucional e das redes sociais.

Seminários e Diplomados Regionais e Nacionais (presenciais e online) das COMISSÕES da CLAR:

- Religiosas/os contra o Tráfico de Pessoas
- Pessoas Migrantes, Refugiadas e Deslocadas
- Ecologia Integral
- Rede Itinerante Amazônica
- Vida Religiosa Indígena
- Vida Religiosa Afro
- Rumo a uma Vida Religiosa em chave sinodal
- Religiosos Irmãos
- Novas Gerações da Vida Religiosa
- Educação e Vida Religiosa
- Famílias Carismáticas
- Cuidado e Proteção de crianças, adolescentes e pessoas vulneráveis
- Cultura Vocacional
- Comunicação e cultura digital.

Animação da Presidência, ETAP e Secretaria:

- Socialização do Horizonte Inspirador 2022-2025.
- Avaliação e monitoramento do Horizonte Inspirador e dos novos desafios emergentes: reuniões da Presidência-ETAP.
- Acompanhamento das Conferências Nacionais:

Assembleia Geral, Conselhos de Administração, Reuniões de Secretários e Secretárias, participação nas Assembleias Nacionais e formação da Vida Religiosa.

- Articulação das Conferências Nacionais e das Regiões.
- Encontro e articulação entre as Comissões.
- Fortalecimento e consolidação do trabalho em Redes intereclesiais e interinstitucionais, mantendo um vínculo especial com CIVCSVA, CELAM, UISG, USG, CONFER, LCWR, CMSM, CRC, AHLMA, CIEC, AMERINDIA, JCOR e as Agências de Ajuda Internacional, entre outras.
- Agências de ajuda internacional, entre outras.
- Acompanhamento no uso de novas tecnologias de informação e comunicação.
- Socialização dos recursos humanos e propostas de treinamento.
- Animação e monitoramento dos projetos institucionais.

Hino

A Esperança Desponta Já

Nos decidimos a sair em plena madrugada,
Enfrentando os ventos contrários,
o frio e o medo da escuridão.
A passo firme, juntas e juntos,
nos damos ânimo para chegar,
nossas pupilas se dilataram,
os corações se aceleraram.
E VEMOS COMO A ESPERANÇA DESPONTA JÁ!

COM TERNURA E CORAGEM,
COM AS MULHERES DA AURORA,
BUSCAMOS NOSSO SENHOR
JESUS QUE SALVA.

Nós temos fresca em nossa memória
Tua Palavra viva
Tua cruz nos revela e nos desafia,
Teu amor nos faz permanecer.
Até o lugar da ferida nós vamos,
nos move essa dor de nossos irmãos.
Em nossos pés vai a profecia
de mil testemunhos que são semente.
E VEMOS COMO A ESPERANÇA DESPONTA JÁ!

COM TERNURA E CORAGEM,
COM AS MULHERES DA AURORA,
BUSCAMOS NOSSO SENHOR
JESUS QUE SALVA.

Somos a Igreja que humildemente começa
a escutar as vozes
Dos que sempre ficaram à margem,
dos gemidos da criação.
Nesse encontro nos sais, Senhor
quão formosa surpresa!
nossas pupilas se dilataram,
os corações se aceleraram.
E VEMOS COMO A ESPERANÇA DESPONTA JÁ!

Letra e música: Irmã Marcela Bonafede, ODN

Vozes: Irmã Marcela Bonafede, ODN
Frei Pablo Ordoñez, O. M.
Cantoria das Mercês

Musicalização: Manuel Ruiz Juri

Índice

Descrição do Ícone	2
Apresentação	3
CONTEXTO: VER-ESCUTAR	5
• Realidade sociopolítica	5
• Realidade eclesial	7
• Realidade da Vida Religiosa	10
Deixar-se afetar “sinodalmente”	11
MARCO BÍBLICO: JULGA-DISCERNIR-SENTIR-PENSAR	13
• No resplendor do Sol Nascente.	14
• ELAS... O despertar da Aurora, memória do amor.	18
MOVIMENTOS DA AURORA	21
1º Movimento: Rumo à vida na esperança.	22
2º Movimento: Rumo ao essencial do seguimento de Jesus e à centralidade das relações humanas	25
3º Movimento: Rumo à dignidade humana e à cultura do cuidado.	29
4º Movimento: Rumo à possibilidade de ser sinal, palavra e metáfora credível. Caminhar rumo à interação e ao encontro dos carismas.	33
5º Movimento: Rumo à sinodalidade.	36
6º Movimento: Rumo à utopia do Reino: um mundo de irmãs e irmãos.	39
7º Movimento: Rumo à mudança sistêmica e à incidência política.	42

8º Movimento: Rumo ao cuidado responsável do ambiente e dos direitos das gerações futuras.	46
PROJEÇÃO: AGIR E DEIXAR FLUIR	49
• Reflexão Teológica-Pastoral	50
• Seminários e Diplomados regionais e nacionais (presenciais e on line) das Comissões da CLAR	50
• Animação da Presidência, ETAP e Secretariado	50
HINO “A Esperança Já Desponta”	52

Direção:

Irmã Gloria Liliana Franco Echeverri, ODN
Ir. Olavo José Dalvit, FSC
Pe. José Luis Loyola Abogado, MSpS
Irmã Inés Greslebin, ACI
Irmã Carmen Ferrer, HHCCS
Irmã Daniela Cannavina, HCMR

Edição: Secretariado Geral da CLAR

Projeto gráfico e Diagramação: Martha Viviana Torres

Imagem da capa: Cristina Hereñú

Imagens: Maglishnima, The story teller, friday_concepts, MHN, Freepik.com

Tradução: Ir. Hugo B. Mombach, FSC
(jornalista profissional-Reg.4065 DRT/RS)
Ir. Paulo Petry, FSC

© 2022

**Confederação Latino-Americana e Caribenha
de Religiosas/os – CLAR**



Confederação Latino-Americana e Caribenha de Religiosas/os – CLAR

Calle 64 No 10 – 45 Piso 5to Bogotá, Colômbia

www.clar.org clar@clar.org

